

Brasil - Geopolítica e Destino, Resenha e Comparação Histórica¹

Roberto Pereira da Silva*

Editado pela Bibliex em 1975, passados 27 anos o livro "Brasil - Geopolítica e Destino", do General Meira Mattos, foi objeto de crítica substantiva do autor deste artigo; publicada na revista "Parcerias Estratégicas", da Secretaria de Estudos Estratégicos da Presidência da República (V.I. - Nº 2 - Dez./1996), aqui reproduzida.²

O General Meira Mattos é um dos nomes brasileiros que merecem destaque no estudo da Geopolítica. Sua obra "Brasil - Geopolítica e Destino" foi oferecida ao público em 1975. Nela, o autor reestruturou conceitos anteriores, passando a preocupar-se com a história do futuro e sonhando com um Brasil potência mundial. Assim, fez uma projeção tomando como base o ano 2000, num ciclo de vinte e cinco anos.

Hoje, deparamo-nos com um pensamento do Presi-

dente Fernando Henrique Cardoso, quando, em seu discurso de posse afirmou; ... *A realização de um Projeto Nacional consistente de desenvolvimento deve fortalecer-nos crescentemente no cenário internacional.* Isso gerou a necessidade de elaborar um projeto nacional, a longo prazo, que, em última instância, abrangerá um horizonte que se completará por volta de 2020, isto é, vinte e quatro anos, a partir de 1996, e muito próximo do espaço de tempo imaginado pelo General Meira Mattos.

O autor fundiu a Geopolítica com a Estratégia para melhor organizar suas idéias e elas vieram ao encontro do que disse o Secretário de Assuntos Estratégicos em recente documento: *o projeto nacional deve refletir a determinação de lançar-se para frente, ser resposta integradora e reafirmar a identidade nacional.*

CAPÍTULO I - FUNDAMENTOS, TEORIAS E ESCOLAS GEOPOLÍTICAS

A Geopolítica é polêmica - assim o General Meira Mattos iniciou sua cativante obra. Procurou demonstrá-lo ao ressaltar a divergência entre seus adeptos, que a dividiram em duas es-

* Assessor do Centro de Estudos Estratégicos da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República.

¹ Selecionado pelo PADECEME.

² Em publicações estrangeiras, esse livro foi analisado pelos professores Lewes Tambis e Philip Kelly, dos EEUU, e Michel Schooyes, da Bélgica.

colas *determinista e possibilista*. A primeira defendeu a tese de que a geografia determina o destino dos povos. Seus mais fervorosos seguidores foram Ratzel e Kjéllen, da escola alemã. A segunda, apoiada na idéia de que a geografia possibilita soluções favoráveis ao destino dos povos, teve como figura proeminente Vidal de La Blanche.

O autor atribui a Kjéllen a teoria organicista do Estado, que, por um processo rigorosamente científico, comparou o Estado a um organismo vivo capaz de percorrer o ciclo da vida, da gestação ao desaparecimento.

Ele faz uma rápida digressão sobre a teoria “do desafio e da resposta”, de Arnold Toynbee, nem determinista, nem possibilista, e chega a inúmeras conceituações de Geopolítica. Elege como a mais sintética e abrangente a de Ratzel – “espaço é poder” – à qual, como resultado de profunda reflexão, acrescenta: “geopolítica é destino”.

CAPÍTULO II – O DESAFIO DO AMBIENTE

A terra sempre teve influência no destino do ho-

mem, no país, nos povos, no território e nos Estados. Forma, extensão, posição, altitude, clima e cobertura vegetal são os fatores geográficos principais que condicionam o destino, escreve o autor.

Das considerações alinhadas sobre os fatores geográficos que geraram teorias do Poder, volta a Toynbee, para analisar seus estudos sobre a interação homem e ambiente, cujas conclusões foram assim sintetizadas: *a facilidade é inimiga da civilização, e o estímulo ao homem aumenta a força na razão direta das dificuldades*.

Retorna, assim, à teoria do “desafio e da resposta”.

Mais adiante, ainda reportando-se a Toynbee, menciona os estímulos do ambiente físico e do ambiente humano, como o das regiões áspers, dos solos novos, dos reveses, das pressões e das inferiorizações, que poderão influenciar o homem a desenvolver suas qualidades intrínsecas de caráter e de vontade, para vencer. Conclui, finalmente, que, sob seu ponto de vista, todas as teorias e doutrinas da Geopolítica resultam numa só, a do “desafio e da

resposta”. O homem ou responde e os supera, ou não responde e é superado.

CAPÍTULO III – IMPORTÂNCIA DA FORMA E DA POSIÇÃO DO TERRITÓRIO NA ES- TRATÉGIA DOS ESTADOS

O autor procura demonstrar a influência da forma do território sob a luz da Geopolítica, baseando-se na seleção de Renner, que a classificou como compacta, alongada, recortada e fragmentada.

A respeito da posição que o território do Estado ocupa no globo terrestre entendeu que, sob o ponto de vista da Geopolítica, vale ressaltar a latitude, a proximidade ou o afastamento do mar, a situação relativa aos países vizinhos e a altitude como aspectos que, associados à forma do território, oferecem atenuantes ou agravantes.

Preparando a finalização do capítulo, o autor apresenta nova classificação em termos de posição dos Estados, separando-os em marítimos, continentais e mistos, ou do tipo continental marítimo. Termina com uma observa-

ção sobre a indiferença com que a política brasileira viveu seu destino de país misto, até que resolvesse despertar as forças adormecidas da continentalidade promovendo a mudança da Capital para o centro do território.

CAPÍTULO IV – TEORIA DAS FRONTEIRAS

Na Antigüidade, os Estados não davam valor à fronteira minuciosamente fixada, diz o General Meira Mattos.

Foi Lord Curzon, antigo Vice-Rei da Índia Britânica, quem destacou a importância das fronteiras nas considerações geopolíticas, ao defender a idéia, consagrada em Versalhes quando da redivisão territorial da Europa, após a primeira Grande Guerra, de substituir as chamadas fronteiras de tensão por Estados-tampões. Não será difícil se perceber na solução de Versalhes, diz o autor, a idéia de retaliação da área do “Hertland” mackinderiano. O centro de irradiação do poder terrestre capaz de dominar toda a massa continental eurásica, segundo Mackinder, seria uma região contígua, situada na Europa Oriental e na

Rússia Européia. A consolidação de um poder político sobre essa área desencadearia o processo de criação de um só poder mundial, em detrimento da Inglaterra e da Europa Ocidental. Essa consolidação seria possível, fundindo-se, num poder único, a Alemanha e a Rússia, o anel dos Estados-tampões de Curzon, instrumentando fisicamente os conceitos de Mackinder.

Ao manifestar-se sobre o “Heartland” mackinderiano, para justificar o conceito de Curzon sobre os Estados-tampões, explica a atitude de Karl Haushofer em aplicar a teoria do “lebensraum” – o espaço vital como pretexto de corrigir as injustiças de Versalhes, segundo o ponto-de-vista alemão.

Analisando as fronteiras naturais, destaca o mar como oferecendo todas as características de uma fronteira completa.

Tece considerações sobre as chamadas fronteiras antropogeográficas, divididas em lingüísticas, raciais ou étnicas, religiosas e culturais, para fixar-se, adiante, em seus estágios de evolução.

Recorre a diversos estudos da Geopolítica, e de-

monstra a extrema instabilidade das fronteiras como fenômeno histórico-sociológico de fácil constatação. Ao encerrar, concorda com a idéia de Toynbee de que a vontade do homem é que impera, superando até mesmo os fatores adversos da geografia, embora esses não possam ser desprezados.

CAPÍTULO V – O PENSAMENTO GEOPOLÍTICO BRASILEIRO

Neste capítulo, é visível o entusiasmo do General Meira Mattos, quando faz um retrospecto do pensamento brasileiro no campo da Geopolítica, exaltando a figura de Alexandre Gusmão, negociador do Tratado de Madri. Avança no tempo, sem esquecer os grandes nomes nem as instituições nacionais que despontaram como artífices da Geopolítica brasileira.

Entre os contemporâneos, ressalta os trabalhos de Golbery do Couto e Silva, Therezinha de Castro e Delgado de Carvalho, citando obras e artigos publicados.

O autor faz menção especial à Escola Superior de Guerra, como formuladora da doutrina de segurança

nacional e pesquisadora do campo do desenvolvimento.

Homenageia o Presidente Castelo Branco, em seu entender o mais lúcido expositor dessa doutrina.

Termina o capítulo, re-produzindo conceitos amáveis a nosso respeito, de autoria do analista da Geopolítica, Lewis Tambs, publicados no "Geographic Review" do Instituto Pan-Americano de Geografia e História.

CAPÍTULO VI – CONCEITO DE POTÊNCIA MUNDIAL

Os progressos técnico-científicos eram ainda limitados, quando Rodolfo Kjéllen estabeleceu que espaço, liberdade de movimento e coesão interna constituem os atributos essenciais de uma grande potência.

Saltando no tempo, o autor chega aos dias mais recentes e ao conceito de Toynbee sobre grande potência: *uma força política que exerce seu poder coordenador num campo maior do que o da sociedade que lhe serve de base.*

Prossegue seu vôo citando os fatores do poder político de Spykman e de Mor-

genthau. Alerta, mais adiante, que dimensão geográfica, população, posse de recursos naturais, capacidade tecnológica e científica e coesão interna são atributos sempre presentes nas obras dos mencionados especialistas.

Finalmente, em metódico exercício mental de comparação, revela que nós, brasileiros, temos todas as condições para aspirarmos a um lugar entre as grandes potências do mundo.

CAPÍTULO VII – NOSSA POSIÇÃO ESTRATÉGICA

Analisados os fatores da potencialidade nacional, o autor procura mostrar seus aspectos estratégicos.

Nossa posição continental incorpora-nos à estratégia de duas grandes áreas: Continente Americano e do Atlântico Sul.

Com seu perfil territorial lançando um saliente sobre a imensa massa afro-euroasiática, diz o autor, incorporamo-nos também à estratégia mundial, como donos que somos do espaço necessário e vital à consecução de dois importantes planos militares para a segurança do

Ocidente, o da defesa do Continente Americano e o da garantia da Segurança Atlântica. Em ambos, afirma, ocupamos papel preponderante.

Nesse ponto, o General Meira Mattos projeta o comportamento estratégico do Brasil, atribuindo-lhe uma dinâmica concepção de segurança da América, cujas fronteiras encontram-se, não no nosso continente, mas além-mar. Nomeia a África como linha de cobertura afastada da costa brasileira.

CAPÍTULO VIII – VIABILIDADE BRASILEIRA PARA POTÊNCIA

Começa este capítulo fazendo uma rápida referência aos conceitos de potência, anteriormente examinados, para abordar o que Morgenthau classifica de superpotências e potências médias.

O Brasil é apontado entre as nações aspirantes a superpotência. Esclarece o autor que as avaliações sobre as possibilidades reais das demais nações aspirantes variam, mas a viabilidade do Brasil é sempre apontada pelos especialistas internacionais.

Prossegue alinhando diversos pronunciamentos de renomados autores, citados na imprensa estrangeira e em inúmeros livros, todos preocupados com a posição do Brasil na cúpula do cenário mundial.

Por intermédio da análise comparativa entre as nações de potência média, o Brasil e a China realçam como os que satisfazem melhor os fatores relativos a recursos minerais, população, território, indústria, tecnologia e ciência e coesão interna. Têm mais perspectivas para o futuro, diz o autor.

Encerra, predizendo que as possibilidades do Brasil, antes apreciadas, irão depender muito da nossa capacidade de atuação política, econômica e social. Ressalta a necessidade militar de dimensionar uma força de dissuasão capaz de garantir nosso desenvolvimento.

CAPÍTULO IX – NO LIMIAR DA ERA DA ENERGIA NUCLEAR

O capítulo é dedicado ao esforço do Governo brasileiro para ingressar na era da energia nuclear. Com dose de humor, o General Meira

Mattos faz blague: *Ficamos nós sentados à porta da choupana esperando que coisas aconteçam não seria a posição desejada para um governo dinâmico e responsável.*

Estende-se na apresentação de dados estatísticos comprobatórios de nossas atuais e futuras possibilidades energéticas, para constatar que não tínhamos outro caminho senão o de apelar para a energia do átomo.

Comenta a pressão sobre os governos do Brasil e da Alemanha Ocidental (à época do lançamento do livro) para que não firmassem o acordo de Bonn. Acrescenta, pergunta pelo “suporte moral” dos que dominaram a tecnologia do átomo para obter a bomba, antes de buscar suas aplicações pacíficas.

Os desencontros do Tratado de Não-Proliferação motivaram detalhados comentários. O autor, sutilmente, atribui ao vulto dos interesses comerciais contrariados a posição intransigente dos integrantes do Clube Atômico.

Por fim, chega ao Acordo Germano-Brasileiro, de 25 de junho de 1975, pelo qual o Brasil entraria na era

do átomo prognosticando que a energia nuclear deverá ser o sustentáculo de nosso desenvolvimento nas décadas de oitenta e noventa.

O fecho deste capítulo é antecedido por uma apreciação selecionada das notícias sobre o Acordo, publicadas na imprensa internacional.

Faz ainda uma rápida incursão pelos aspectos técnicos dos reatores nucleares e encerra afirmando que o Tratado viria assegurar-nos uma completa mudança de estágio tecnológico na comunidade mundial.

CAPÍTULO X – RUMO À META 2000

Quanto maior uma nação, explica o autor, maiores as aspirações e necessidades, e maior o poder necessário para conduzi-la.

Rebuscando os ensinamentos da Escola Superior de Guerra e de alguns estudiosos do assunto, recorda que, entre as quatro expressões do poder nacional – política, psicossocial, econômica e militar –, a expressão econômica é predominante.

Conduz logicamente o raciocínio, para provar que

o desenvolvimento econômico e social do Brasil despertará suas riquezas potenciais, transformando-as sucessivamente em poder, cujo prazo de realização não poderá ultrapassar o ano 2000.

Conclui, parcialmente, que o objetivo é atingir o ano 2000 com o Brasil entre as nações mais desenvolvidas do globo.

O autor reconhece as dificuldades provocadas pelo desenvolvimento de uma nação da nossa grandeza geográfica.

Encerra a obra com um chamamento patriótico de que não se constrói uma obra ciclópica, como a de transformar o Brasil em nação poderosa, sem sacrifícios. Faremos esses sacrifícios, afirma, e chegaremos lá.

CONCLUSÃO

O General Meira Mattos, como estudioso do Brasil à luz da Geopolítica e da Estratégia, foi capaz de elaborar, na década de setenta, um cenário para o ano 2000,

muito próximo do que hoje se vislumbra para 2020 e, praticamente, para uma mesma extensão de tempo.

Em vista da oportunidade do tema, da qualidade do autor como estrategista e de sua visão das potencialidades brasileiras, foi feita uma nova resenha do livro "Brasil – Geopolítica e Destino" com o intuito de permitir aos leitores um contato com o assunto e dar-lhes a oportunidade de comparar pontos-de-vista diversos sobre o futuro do Brasil. 